



CADERNO DE RESUMOS

IV ENCONTRO INTERMEDIÁRIO DO GRUPO DE TRABALHO DE FONÉTICA E FONOLOGIA DA ANPOLL

Apoio:

PAEP/CAPES

Programa de Pós-graduação em
Estudos Linguísticos (recursos PROEX/CAPES)

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Programa de Pós-graduação em Linguística
(recursos PROAP/CAPES)

Centro de Humanidades – Universidade Federal do Ceará



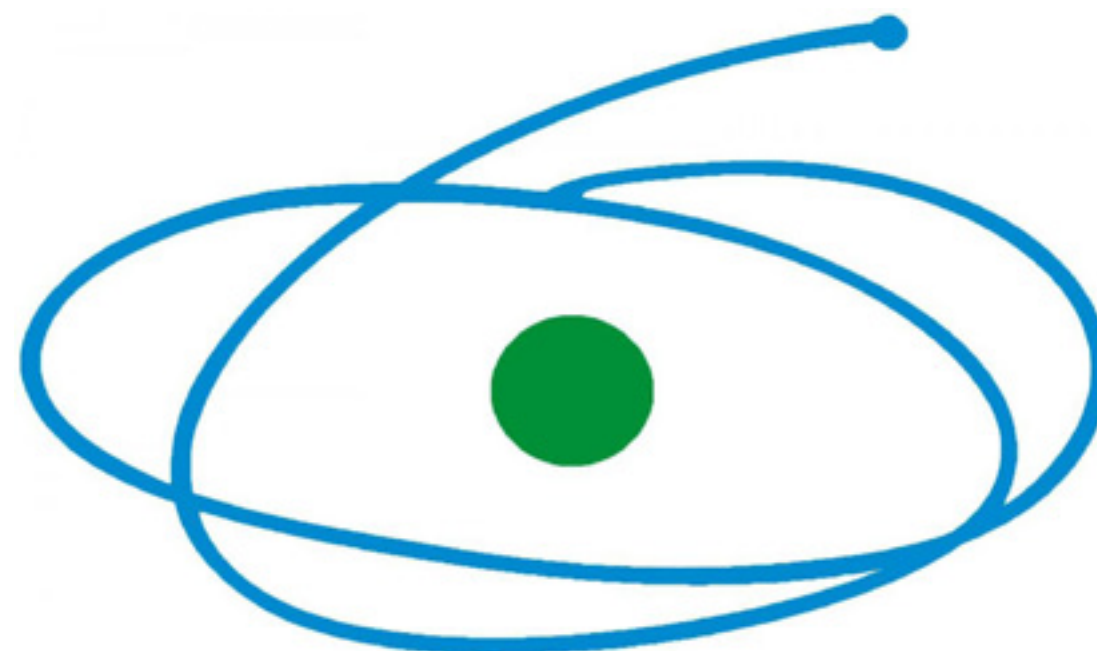
IV Encontro intermediário do Grupo de
Trabalho de Fonética e Fonologia da ANPOLL
Caderno de resumos

Luciani Tenani
Ronaldo Lima Jr.
(Organizadores)

IV Encontro intermediário do Grupo de
Trabalho de Fonética e Fonologia da ANPOLL
Caderno de resumos

Fortaleza
26 e 27 de setembro de 2019

APOIO FINANCEIRO



C A P E S

APOIO INSTITUCIONAL



UFC



IBILCE / UNESP - CÂMPUS DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Universidade Federal do Ceará
Centro de Humanidades

Reitor:

Prof. Dr. José Candido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

Vice-Reitor:

Prof. Dr. José Glauco Lobo Filho

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação:

Prof. Dr. Antonio Gomes de Souza Filho

Diretora do Centro de Humanidades:

Profa. Dra. Vlândia Maria Cabral Borges

Vice-Diretora do Centro de Humanidades:

Profa. Dra. Danyelle Nilin Gonçalves

Coordenadora do PPGLIN/UFC:

Profa. Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Platin

Vice-coordenadora do PPGLIN/UFC:

Profa. Dra. Maria Elias Soares

Coordenadora do PPGEL/UNESP-SJRP:

Profa. Dra. Fabiana Komesu

Vice-coordenadora do PPGEL/UNESP-SJRP:

Profa. Dra. Luciani Tenani

Caderno de Resumos – IV Encontro intermediário do Grupo de Trabalho de Fonética e Fonologia da ANPOLL

PROJETO EDITORIAL

Letraria

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Letraria

CAPA

Letraria - foto retirada do *site* da UFC

REVISÃO

Letraria

APOIO

PAEP/CAPES, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos (recursos PROEX/CAPES), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”; Programa de Pós-graduação em Linguística (recursos PROAP/CAPES), Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará.

O trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil [CAPES] - Código de Financiamento 001.

FOTOS

Créditos nas imagens

TENANI, Luciani; LIMA JR., Ronaldo. **Caderno de Resumos – IV Encontro intermediário do Grupo de Trabalho de Fonética e Fonologia da ANPOLL**. Araraquara: Letraria, 2019.

ISBN: 978-85-69395-67-6

1. Fonética; 2. Fonologia; 3. ANPOLL; 4. Grupo de trabalho.

IV Encontro Intermediário do GT de Fonética e Fonologia

Comissão organizadora

Ronaldo Lima Jr.

Luciani Tenani

Comissão científica

Dermeval da Hora Oliveira

Eleonora Cavalcante Albano

Elisa Battisti

Izabel Christine Seara

José Sueli de Magalhães

Leda Bisol

Ubirata Kickhofel Alves

I SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
Luciani Tenani e Ronaldo Lima Jr.	
CONFERÊNCIAS	13
CONFERÊNCIA DE ABERTURA	
Representações subjacentes na interface fonologia– morfologia	14
Luiz Carlos Schwindt (UFRS)	
CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO	
A variedade dialetal florianopolitana: aspectos segmentais e suprasegmentais	15
Izabel Christine Seara (UFSC)	
COMUNICAÇÕES	16
A duração segmental na aquisição de encontros consonantais do português brasileiro	17
Thais Telles Barbieri (UFPeI/CAPES) e Giovana Ferreira-Gonçalves (UFPeI/CNPq)	
A vibrante múltipla do espanhol como língua estrangeira: uma perspectiva multirepresentacional	19
José Rodrigues de Mesquita Neto (UERN) e Clerton Luiz Felix Barboza (UERN)	
A vírgula em estruturas deslocadas: contribuições do peso fonológico e da ramificação sintática	20
Tainan Garcia Carvalho (UNESP/IBILCE) e Luciani Ester Tenani (UNESP/IBILCE)	

A vogal eclipsada e a coordenação gestual em sílabas CCV e CVC	22
Giovana Ferreira-Gonçalves (UFPel/CNPq) e Mirian Rose Brum-de-Paula (UFPel)	
Análise acústica do acento em criação de palavras por <i>portmanteaux</i>	23
Emerson Viana Braga (PPGLIN/UESB/FAPESB), Vera Pacheco (PPGLIN/UESB) e Marian Oliveira (PPGLIN/UESB)	
Análise espectrográfica de formantes e perceptual-auditiva das vogais do português brasileiro falado em Fortaleza	25
Mateus Rocha Melo (Universidade Estadual do Ceará) e Wilson Júnior de Araújo Carvalho (Universidade Estadual do Ceará)	
Análise longitudinal do desenvolvimento de vogais do inglês-L2 por brasileiros	27
Ronaldo Lima Jr. (UFC)	
Articulação de fricativas posteriores no português brasileiro: uma análise ultrassonográfica qualitativa para os róticos em <i>onset</i> silábico	28
Carine Haupt (UFT) e Izabel Christine Seara (UFSC/CNPq)	
Descrição fonético-fonológica do triângulo mineiro: Uberlândia	30
Marlúcia Maria Alves (UFU)	
Desenvolvimento de L2 e atrito de L1 em contexto de L2 não-dominante: análise de Voice Onset Time em Espanhol (L1) e Inglês (L2)	31
Laura Castilhos Schereschewsky (UFRGS) e Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS - CNPq)	

Fraseamento de estruturas deslocadas e a duração de pausas	33
Luciani Tenani (UNESP/CNPq)	
Harmonia vocálica parasítica no Protocrioulo do Golfo da Guiné e em suas línguas-filhas	35
Gabriel Antunes de Araujo (Universidade de Macau/USP/CNPq), Manuele Bandeira (UNILAB) e Ana Livia Agostinho (UFSC)	
Inteligibilidade e Compreensibilidade de Haitianos, aprendizes de Português Brasileiro como Língua Adicional (PLA): contribuições a partir da Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos	37
Jeniffer Imaregna Alcantara de Albuquerque (UFRGS/UTFPR) e Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq)	
Investigação experimental em fonologia: sequências #(i)sC no português brasileiro falado em Belo Horizonte	39
Matheus Freitas Gomes (UFMG)	
O domínio da nasalidade heterossilábica no Português de São Tomé (PST): considerações iniciais	41
Amanda Macedo Balduino (USP/FAPESP), Gabriel Antunes de Araujo (Universidade de Macau/USP/CNPq) e Ana Livia Agostinho (UFSC)	
Padrões entoacionais e a duração dos vocativos de chamamento no português angolano do Libolo	43
Vinícius Gonçalves dos Santos (USP) e Flaviane Romani Fernandes Svartman (USP)	
Redução vocálica em ditongos crescentes [ɪʊ] no português de Belo Horizonte	45
Cecília Toledo (UFMG/CAPES)	

Revisitando os efeitos da variável idade no desenvolvimento fônico de L2	46
Felipe Flores Kupske (UFBA)	
Uma visão multirepresentacional dos padrões silábicos heterossilábicos do português brasileiro	47
Anderson Romário Souza Silva (UERN) e Clerton Luiz Felix Barboza (UERN)	
Variações fonéticas no falar cearense: a partir dos dados do ALiB	49
Maria Silvana Militão de Alencar (UFC)	
MINICURSOS	50
MINICURSO 1	
Análise ultrassonográfica da fala: limites, avanços e desafios metodológicos	51
Larissa C. Berti (UNESP/Marília)	
MINICURSO 2	
Harmonia nasal nas línguas indígenas sulamericanas	52
Prof. Dr. Leo Wetzels (Universidade Livre de Amsterdam)	
MINICURSO 3	
Complex Dynamic Systems Theory & the development of sound systems	53
Prof. Dr. Wander Lowie (Universidade de Groningen)	

I APRESENTAÇÃO

O Grupo de Trabalho (GT) de Fonética e Fonologia vinculado à Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguística (ANPOLL) promove o seu IV Encontro Intermediário na Universidade Federal do Ceará, em 26 e 27 de setembro de 2019, em Fortaleza.

Os encontros intermediários nasceram da proposta de fomentar discussão sobre o desenvolvimento das pesquisas sobre fonética e fonologia, no interstício dos encontros bienais da ANPOLL. Neste encontro, haverá duas conferências, a serem proferidas pelos professores doutores Luiz Carlos Schwindt (UFRS) e Izabel Christine Seara (UFSC). O professor Luiz Carlos tratará, na conferência de abertura, sobre “Representações subjacentes na interface fonologia–morfologia”. A professora Izabel abordará, na conferência de encerramento, “A variedade dialetal florianopolitana: aspectos segmentais e suprasegmentais”. Ambas as conferências abordam aspectos fonéticos e fonológicos da língua portuguesa.

Também serão apresentadas 20 comunicações individuais, constituindo-se essas comunicações oportunidades para prática acadêmica de exposição e debate oral de pesquisa entre pesquisadores sêniores e juniores francamente comprometidos com o conhecimento sobre língua e linguagem. Contribuir para a difusão desse conhecimento científico é uma das metas que este Caderno almeja alcançar.

Ao realizarmos o IV Encontro Intermediário do GT de Fonética e Fonologia, reafirmamos a proposta que levou ao primeiro encontro entre os pesquisadores e ampliamos o escopo de atuação do grupo, promovendo a I Escola de Fonética e Fonologia, como evento satélite ao encontro. Três minicursos serão ministrados nos dias 24 e 25 de setembro de 2019. “Análise ultrassonográfica da fala: limites, avanços e desafios metodológicos” será tema do minicurso a ser conduzido pela professora Dra. Larissa C. Berti (UNESP/Marília). “Harmonia nasal nas línguas indígenas sul-americanas” será temática abordada pelo professor Dr. Leo Wetzels (Universidade Livre de Amsterdam).

“Complex Dynamic Systems Theory & the development of sound systems” será o minicurso ministrado pelo professor Dr. Wander Lowie (Universidade de Groningen).

A proposta da Escola advém da percepção de que se faz necessário fomentar a formação de jovens graduandos e pós-graduandos em temas atuais sobre Fonética e Fonologia.

Que este IV Encontro fomente o espírito fundante do GT: congregar pesquisadores interessados na dimensão fônica da linguagem, comprometidos com valores humanos, mesmo em situações desafiadoras ou adversas, características destas décadas de início de século XXI.

Luciani Tenani

Ronaldo Lima Jr.

Fortaleza, 24 de setembro de 2019.

A stack of several old, worn books with thick spines and yellowed pages. A piece of paper with some faint markings is placed on top of the stack. The background is dark and out of focus. The text 'CONFERÊNCIAS' is written vertically in large, white, bold letters across the middle of the image.

CONFERÊNCIAS

Créditos: Rômulo Borim

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

Representações subjacentes na interface fonologia–morfologia

Luiz Carlos Schwindt (UFRS)

schwindt@ufgrs.br

Nesta conferência, em termos amplos, pretendo problematizar a postulação de representações subjacentes na análise linguística. Partindo da premissa de oposição entre as noções de representação e de gramática, a ideia é discutir, no âmbito mais específico, se formas subjacentes são efetivamente necessárias na análise fonológica e, sendo necessárias, o que seria uma extensão razoável de seu grau de abstração. Esse debate se situa no âmbito dos modelos de base formal e é motivado especialmente pela evolução das ferramentas tecnológicas e estatísticas, que têm permitido avanço significativo na compreensão de aspectos envolvendo produção e percepção da fala humana, e pelos achados de perspectivas centradas no papel da memória na constituição da linguagem — o que tem imposto o falseamento da hipótese “*what you see is what you get*” a qualquer análise linguística. O recorte que proponho para essa reflexão envolve a interface da fonologia com a morfologia, por ser esse o contexto em que a demanda por abstração parece mais evidente. Os principais fenômenos enfocados são a realização do plural de palavras terminadas em ditongo nasal (ex. irmãos, ladrões, cães) e em L ou U ortográficos (ex. papéis, chapéus) e a harmonização vocálica variável atingindo verbos em português (ex. seguia, durmia). Aspectos relacionados a modelos teóricos em específico — como a Fonologia Lexical, a Teoria da Otimidade ou a Teoria de Exemplos —, bem como concernentes a primitivos ou expedientes representacionais — como segmentos, traços, subespecificação e mesmo o que se vem rotulando como léxico — serão contemplados na medida de sua relevância para o debate.

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO

A variedade dialetal florianopolitana: aspectos segmentais e suprasegmentais

Izabel Christine Seara (UFSC)

izabels@linse.ufsc.br

A variedade dialetal florianopolitana, conhecida como “manezinho”, apresenta características que a distingue das demais variedades dialetais brasileiras em nível dos sons de fala produzidos e de sua prosódia. Diversos estudos têm apontado algumas de suas características (BASSI; SEARA, 2017; SEARA; SOSA, 2017; SEARA, 2018; dentre outros). Este estudo apresenta resultados de pesquisas recentes desenvolvidas com foco sobre o falar “manezinho”. Os dados investigados são provenientes de entrevistas do Projeto de Variação Linguística da Região Sul do Brasil (VARSUL) e de gravações de dados para estudos prosódico-entonacionais advindos do Projeto Atlas Multimídia Prosódico do Espaço Românico – Língua Portuguesa (AMPER-POR). No nível prosódico-entonacional, a observação de um contorno com *upstep* na fala de “manezinhos” indicaria uma marca dialetal até então não observada. A monotongação de ditongos nasais, a presença de fricativas apico-alveolares em coda silábica e a palatização de oclusivas antecedidas de vogais altas anteriores são algumas das características de seus sons de fala.

COMUNICAÇÕES

A duração segmental na aquisição de encontros consonantais do português brasileiro

Thais Telles Barbieri (UFPEl/CAPES)

ttbarbieri@gmail.com

Giovana Ferreira-Gonçalves (UFPEl/CNPq)

giovanaferreiragoncalves@gmail.com

Trabalhos desenvolvidos com o uso de recursos metodológicos, como *softwares* de análises acústicas, têm propiciado novas compreensões acerca do processo de aquisição da estrutura silábica CCV. Aspectos como a duração segmental começaram a ser observados em maior detalhe e passou-se a considerar a existência de contrastes encobertos (SCOBIE *et al.*, 1996), que constituem estágios no processo de aquisição fonético-fonológica (MEZZOMO *et al.*, 2008; MIRANDA, 2017; MIRANDA; SILVA, 2011; VASSOLER, 2016). Miranda e Silva (2011), à luz da Fonologia de Usos, discutem resultados do estudo de Miranda (2007), com foco na duração da vogal que constitui a sílaba CCV. Assim, foi investigado se as crianças produziram vogais longas, de forma a compensar a ausência da líquida. Os resultados indicam que a duração vocálica, então, seria uma propriedade fonética fina a serviço de estabelecer o contraste entre CCV e CV na fala em aquisição. No presente trabalho, investigamos aspectos relativos à duração segmental na aquisição de encontros consonantais com *tap* do português brasileiro. Especificamente, buscamos i) verificar se a duração de vogais e obstruintes difere significativamente em função do tipo de sílaba e ii) descrever padrões de coordenação gestual envolvidos na produção de CCVs. Para tanto, coletamos dados longitudinais de uma criança, com idade entre 4;01 e 4;11 (anos;meses), e dados transversais de três adultas. Nas coletas, a criança e as adultas produziram onze pares mínimos com sílabas iniciais CCV ou CV, realizados três e cinco vezes, respectivamente. Os dados de áudio foram captados por meio de um gravador digital Zoom H4N. Na análise acústica, as palavras foram segmentadas no programa *Praat*, para realização de medidas de duração. Resultados estatísticos demonstraram que as

adultas produzem obstruintes e vogais mais longas em CVs do que em CCVs. Logo, diferenças em duração entre os referidos padrões silábicos não são exclusivas da fala infantil.

A vibrante múltipla do espanhol como língua estrangeira: uma perspectiva multirepresentacional

José Rodrigues de Mesquita Neto (UERN)

rodriguesmesquita@gmail.com

Clerton Luiz Felix Barboza (UERN)

clertonluiz@gmail.com

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a emergência da vibrante múltipla do espanhol língua estrangeira (ELE) de professores brasileiros de espanhol a partir de uma perspectiva multirepresentacional. Partimos da seguinte pergunta-problema: de que maneira emerge a vibrante múltipla do espanhol realizada por professores brasileiros de ELE? Temos por hipótese básica que a vibrante múltipla é influenciada pela experiência de uso do ELE, com variáveis como o indivíduo e o item lexical apresentando papel relevante na construção da interfonologia rótica do PB-ELE. Enquanto paradigma teórico, fizemos uso de autores como Larsen-Freeman (1997) e Beckner *et al.* (2009) que tratam a língua como Sistema Adaptativo Complexo. No que concerne aos modelos multirepresentacionais, trazemos Bybee (2001) com os conceitos da Fonologia de Uso e Pierrehumbert (2001) com o modelo de exemplares. Para a realização da pesquisa, utilizamos uma metodologia quase-experimental, de corte transversal. Constituímos enquanto *corpus* de análise informantes que trabalhavam como professores de ELE da rede estadual e de cursos livres. A variável dependente analisada foi a realização do rótico em contexto de vibrante múltipla, já as independentes foram: indivíduo, experiência de uso, palavra, frequência de ocorrência e tipo fonotático. Todos os dados coletados foram direcionados e analisados acusticamente através do *software* PRAAT versão 5.1.43 (BOERSMA; WEENINK, 2012). Os resultados indicaram que existe competição entre os atratores associados às realizações fricativa e vibrante múltipla. Além disso, a experiência de uso é uma variável relevante na construção da interfonologia dos róticos pelos informantes.

A vírgula em estruturas deslocadas: contribuições do peso fonológico e da ramificação sintática

Tainan Garcia Carvalho (UNESP/IBILCE)

tainang.carvalho@gmail.com

Luciani Ester Tenani (UNESP/IBILCE)

luciani.tenani@unesp.br

Este trabalho visa discutir indícios da relevância do peso fonológico e da ramificação sintática para ocorrências de vírgulas em textos escolares. Particularmente, investigamos como esses fatores linguísticos contribuem para a presença e para a ausência de vírgulas em fronteiras de estruturas deslocadas de dois tipos: (a) adjuntos adverbiais antepostos (“Na última semana, ele não apareceu”) e (b) orações adverbiais antepostas (“Quando ela chegar, me avise”). Estudos recentes demonstram que o peso fonológico (número de sílabas) e a ramificação sintática em estruturas que ocupam a posição de sujeito (S) na oração têm implicações para o fraseamento prosódico de S: para grande parte das línguas ibero-romanas, esses fatores levam à configuração (S) | (VO) | ao invés de (SVO) | – cf. ELORDIETA *et al.*, 2003; D’IMPERIO *et al.*, 2005; FERNANDES *et al.*, a sair. Em análise longitudinal do emprego de vírgulas em textos do EFII, observamos que fronteiras de estruturas deslocadas do Português Brasileiro apresentam considerável flutuação no emprego da vírgula (CARVALHO, 2019), o que pode ser efeito, em certa medida, da interação entre o peso fonológico e a ramificação sintática. Desse modo, a partir de um conjunto de 62 textos, retirados do Banco de Dados de Escrita do EFII (TENANI, 2015) e escritos por alunos do 9º ano de uma escola pública do interior paulista, observamos as seguintes regularidades para o emprego da vírgula em fronteiras de deslocamento, que serão exploradas nesta apresentação: (i) quando há maior peso fonológico e ramificação sintática, é tendência haver emprego da vírgula; (ii) quando há menor peso fonológico e há ramificação sintática, é tendência haver ausência da vírgula e

(iii) quando há menor peso fonológico e não há ramificação sintática, é regular não haver uso da vírgula, porém, há indícios de que, se a estrutura tiver foco, há probabilidade de emprego da vírgula.

A vogal eclipsada e a coordenação gestual em sílabas CCV e CVC

Giovana Ferreira-Gonçalves (UFPel/CNPq)

giovanaferreiragoncalves@gmail.com

Mirian Rose Brum-de-Paula (UFPel)

brumdepaula@yahoo.fr

Este trabalho pretende investigar aspectos relativos ao elemento vocálico e à configuração gestual de sílabas CCV e CVC do português brasileiro. Conforme Silva, Clemente e Nishida (2006), a qualidade do elemento vocálico depende da posição silábica do tap na sílaba. Em CCV, o elemento vocálico constitui parte da vogal nuclear; já em posição CVC, apresenta características de uma vogal neutra. Silveira e Seara (2008) verificam diferenças entre a qualidade do elemento vocálico e da vogal nuclear em sílabas CCV, mas constatam similaridades nas trajetórias formânticas. Para Bilharva-da-Silva (2019), seguindo Steriade (1990), o elemento vocálico apresenta as características da vogal nuclear tanto em sílaba CCV como em CVC, no entanto, dadas diferenças estatísticas importantes quando analisadas as duas estruturas silábicas de forma comparativa, salienta a importância da realização de uma análise articulatória para a obtenção de resultados mais contundentes. As coletas para o presente estudo incluem, assim, dados acústicos e articulatórios de sete informantes adultas, monolíngues, falantes do português brasileiro. A captação dos dados ocorreu em uma cabine acústica, com um gravador digital, modelo Zoom H4N, e com um aparelho de ultrassom, modelo Mindray DP-6600. Os resultados apontam a produção do elemento vocálico de forma recorrente apenas em sílabas CCV, não tendo sido verificado em algumas produções nas sílabas CVC. Os dados acústicos e articulatórios indiciam que o elemento vocálico adjacente ao tap se comporta como parte da vogal eclipsada em sílabas CCV; em sílaba CVC, no entanto, apesar de indícios obtidos por meio da análise acústica acerca do eclipse da vogal nuclear, a inspeção articulatória parece corroborar o resultado de Silva, Clemente e Nishida (2006).

Análise acústica do acento em criação de palavras por *portmanteaux*

Emerson Viana Braga (PPGLIN/UESB/FAPESB)

emevibra@hotmail.com

Vera Pacheco (PPGLIN/UESB)

vera.pacheco@gmail.com

Marian Oliveira (PPGLIN/UESB)

mdossoliveira@gmail.com

O Português é uma língua em que o acento é distintivo (CÂMARA JR, 1970) e, na literatura, há unanimidade em dizer que o acento recai em uma das últimas três sílabas (BISOL, 1992, 2014; MASSINI-CAGLIARI, 1991; LEE, 1995). Segundo Collischonn (2014), esse é um indicativo da regularidade subjacente à distribuição do acento. Para ela, fonologicamente, temos a seguinte configuração: um acento em palavras simples (capital); quando ocorre uma derivação de uma palavra por sufixo, permanece um acento, porém, mudando para uma sílaba diferente daquela que tinha o acento na palavra primitiva (capitalista); um acento (sem mudança de acento para outra sílaba) em palavras com prefixação (superinteligente) e dois acentos em palavras compostas (guarda-volume). Diante dessas possibilidades de atribuição de acento, é interessante pensar em como classificar a atribuição de acento do *portmanteau* que é um processo morfológico de criação de palavras que sobrepõe uma base à outra, formando uma nova palavra, como em namorado. A pergunta, neste trabalho, é: o *portmanteau* no PB apresenta atribuição de acento semelhante à de palavras sufixadas, prefixadas ou compostas? Nossa hipótese é de que o *portmanteau*, no PB, manterá apenas um acento, o da base à direita, na nova palavra criada, semelhando-se à palavra prefixada. O objetivo deste trabalho, portanto, é fazer uma análise acústica comparativa desses tipos de palavras para investigar onde cai foneticamente o acento dos *portmanteaux* para, em seguida, avaliar a atribuição de acento nessas palavras. Para validar a hipótese, foi criada uma lista de palavras prefixadas, sufixadas, compostas e de

portmanteaux. Realizamos gravações dessas palavras em cabine acústica. Os dados foram analisados acusticamente com o auxílio do *software* Praat, em contextos de frases e isolados, levando-se em consideração as médias dos parâmetros acústicos, considerados na análise do acento, de intensidade, frequência fundamental (f_0) e duração.

Análise espectrográfica de formantes e perceptual-auditiva das vogais do português brasileiro falado em Fortaleza

Mateus Rocha Melo (Universidade Estadual do Ceará)

mateus.melo@aluno.uece.br

Wilson Júnior de Araújo Carvalho (Universidade Estadual do Ceará)

wilson.carvalho@uece.br

Os estudos a respeito dos formantes das vogais do português brasileiro tiveram início com Behlau (1984), estudo de referência na área de acústica da fala no Brasil, cujos dados têm sido relevantes para identificação de falantes no campo forense. A Teoria Acústica de Produção da Fala (TAPF), conhecida como modelo fonte-filtro (FANT, 1960), assume que, em qualquer som produzido pelo sistema fonador humano, a existência de uma fonte sonora, que provê a entrada acústica no sistema, e de um filtro, que modula esta fonte com o intuito de realizar os mais diversos sons vocálicos e consonantais da língua. Tais sons, por sua vez, podem ser avaliados por meio de parâmetros quantitativos a partir da realização de análise acústica fundamentada na TAPF, como no caso da caracterização de formantes, assim como por meio de parâmetros qualitativos em análise perceptual-auditiva. O objetivo do presente estudo, portanto, é caracterizar as vogais orais tônicas do português brasileiro falado em Fortaleza através de análises espectrográfica de formantes (F1 e F2) e perceptual-auditiva. Para participarem da pesquisa, os participantes farão uma triagem vocal com a emissão da vogal sustentada [ɛ], com o fito de descartar alterações laríngeas em nível glótico. Em seguida, para a realização da coleta de dados, será realizada a gravação de sons vocálicos produzidos em sílabas acentuadas de palavras dissilábicas produzidas em frases-veículo com controle prosódico. Para fins de análise espectrográfica dos formantes (F1 e F2), serão considerados os sons vocálicos orais produzidos entre consoantes oclusivas desvozeadas. A extração dos valores dos formantes ocorrerá por meio do PRAAT. A análise

perceptual-auditiva se dará pela aplicação do protocolo Voice Profile Analysis Scheme (VPAS), proposto por Laver (1980), traduzido e adaptado para o português brasileiro por Madureira e Camargo (2008).

Análise longitudinal do desenvolvimento de vogais do inglês-L2 por brasileiros

Ronaldo Lima Jr. (Universidade Federal do Ceará - UFC)

ronaldojr@letras.ufc.br

Este trabalho apresenta os resultados finais de um estudo longitudinal que acompanhou o desenvolvimento da produção das vogais [i ɪ ε æ u ʊ] de dez alunos de graduação de Letras-Inglês de uma universidade federal durante os quatro primeiros semestres de seus estudos. As vogais analisadas são desafiadoras para aprendizes brasileiros por não serem contrastadas em português do Brasil, no qual [i] e [ɪ] tendem a ser percebidas e produzidas como [i]; [ε] e [æ] como [ε], e [u] e [ʊ] como [u]. Ressalta-se que no terceiro semestre os alunos cursaram uma disciplina obrigatória sobre fonologia da língua inglesa na qual as vogais são ensinadas e praticadas explicitamente. Os participantes foram gravados lendo palavras-chave inseridas em uma frase-veículo ao final de cada semestre durante os quatro primeiros semestres de seus cursos. Os dados foram analisados acusticamente, em especial a qualidade espectral de F1 e F2 das vogais, cujos valores normalizados pelo método de Lobanov foram utilizados para se calcular as distâncias euclidianas entre os pares de vogais para cada participante. As distâncias euclidianas, por sua vez, foram utilizadas em um modelo de efeitos mistos. A análise mostrou que o desenvolvimento das vogais-alvo é muito dinâmico, com bastante variação nos dados. Os principais resultados são: houve novos contrastes entre vogais em todas as gravações, com a maior parte deles aparecendo logo após a disciplina de fonologia da língua inglesa; a maioria dos alunos desenvolveu novas categorias vocálicas ao longo das gravações; participantes desenvolveram suas vogais em ritmos e momentos diferentes; nem todos os participantes conseguiram criar novas categorias vocálicas.

Articulação de fricativas posteriores no português brasileiro: uma análise ultrassonográfica qualitativa para os róticos em *onset* silábico

Carine Haupt (UFT)

carineh@uft.edu.br

Izabel Christine Seara (UFSC/CNPq)

izabels@linse.ufsc.br

Este estudo apresenta as primeiras considerações acerca da caracterização articulatória de fricativas posteriores em *onset* silábico, que corresponde ao “r forte” no português brasileiro (PB). Apesar de diversos estudos (variacionistas e/ou fonológicos) indicarem diferentes variantes (velares, uvulares e glotais), Abaurre e Sandalo (2003) afirmam que a variante mais frequente no PB é a fricativa glotal para o r forte. São poucos os estudos que utilizam recursos, como a análise acústica, para confirmar as impressões de oitiva (SILVA, 2002; REINECKE, 2006; RENNICKE 2015). E mesmo esses estudos não apresentam descrição detalhada de parâmetros acústicos a partir dos quais se possa estabelecer correlatos articulatórios. Assim, o presente estudo tem o objetivo de evidenciar as características articulatórias de fricativas posteriores a partir de imagens ultrassonográficas que podem, posteriormente, ser discutidas juntamente com análises acústicas. A amostra deste estudo se constitui da gravação de vídeos ultrassonográficos, gravados no plano sagital, de duas informantes da cidade de Florianópolis. Os equipamentos utilizados foram: ultrassom *Mindray M5*; sonda endocavitária (6CV1S); capacete de estabilização de movimentos; sincronizador de imagem e áudio (SBU 1.0). O *corpus* contém palavras reais (rato, Rita, ruga) e pseudopalavras (arra, irri, urru, arri, arru), repetidas 4 vezes na frase-veículo: *Digo palavra baixinho*. Foram controlados os diferentes contextos vocálicos, a fim de se analisar os efeitos coarticulatórios e de sobreposição de movimentos, esperados na produção de fricativas glotais (KENT, READ, 2015). Para as análises, foi utilizado

o *software* Articulate Assistant Advanced (AAA) – versão 2.17.06, a partir do qual coletamos os *frames* que correspondem ao ponto central da fricativa para comparar a sua realização em diferentes contextos fonéticos. Também foi feita uma análise dinâmica, traçando a curva da língua em cada quadro estável da vogal antecedente e seguinte à fricativa. Os resultados apontam diferentes configurações de movimentos em contexto de vogais anteriores e posteriores.

Descrição fonético-fonológica do triângulo mineiro: Uberlândia

Marlúcia Maria Alves (UFU)

marlucia.alves@gmail.com

Fazer a descrição fonético-fonológica dos sons de determinada língua envolve uma análise linguística detalhada que conta com a listagem de fones e fonemas realizados pelos falantes da língua. Esta análise pressupõe um inventário fonético e outro fonêmico para identificar as características próprias do falar da região. Segundo Cagliari (2002, p. 18), “enquanto a Fonética descreve o que acontece quando um falante fala, a Fonologia almeja a descrição da organização sistemática global dos sons da língua desse falante”. Afirma também que este acordo entre a Fonética e a Fonologia é importante para relacionar as informações oriundas dos modelos teóricos aos aspectos reais das línguas. A presente pesquisa pretende fazer um estudo descritivo dos sons produzidos na região do Triângulo Mineiro a partir da identificação do inventário fonético-fonológico. Esta descrição levará em consideração as informações fonéticas, os traços distintivos e os processos fonológicos que são produzidos pelos falantes da região. Esta descrição tem o intuito de servir como parâmetro para futuras pesquisas sobre o próprio falar da região do Triângulo Mineiro, estabelecendo uma identidade fônica e, posteriormente, servindo de comparação a outros falares do português brasileiro, especialmente os do estado de Minas Gerais. Outros objetivos desta pesquisa são investigar os traços distintivos característicos de vogais e consoantes; analisar os processos fonológicos produzidos na região, especialmente os processos de harmonia vocálica e redução vocálica; estudar os traços distintivos e os processos fonológicos relacionados à harmonia vocálica e à redução vocálica conforme a Teoria da Otimalidade.

Desenvolvimento de L2 e atrito de L1 em contexto de L2 não-dominante: análise de *Voice Onset Time* em Espanhol (L1) e Inglês (L2)

Laura Castilhos Schereschewsky (UFRGS)

castilhoslaura@gmail.com

Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS – CNPq)

ukalves@gmail.com

Alinhado à visão de língua como um Sistema Dinâmico Complexo (SDC) (DE BOT, 2017), que entende que um sistema linguístico está sujeito a mudanças durante toda a vida do indivíduo, este estudo investiga a ocorrência de atrito linguístico na L1 de falantes bilíngues, isto é, modificações estruturais na língua materna, em decorrência do desenvolvimento de uma língua adicional. Investigamos possíveis mudanças no sistema de L1 entre aprendizes argentinos de inglês (L2) residentes em seu país natal. Para isso, analisamos os valores de *Voice Onset Time* nas consoantes plosivas iniciais /p/, /t/, /k/ seguidas pelas vogais frontais altas do espanhol (L1) e do inglês (L2) produzidas em tarefas de leitura em voz alta de frases-veículo por 10 participantes monolíngues e 10 bilíngues da região de Mar del Plata (Argentina). Por se tratar de um ambiente de L1 dominante, onde o contato e a exposição com a língua adicional é mais limitado, realizamos análises individuais em conjunto com as análises estatísticas inferenciais, seguindo de Bot (2011), Lowie e Verspoor (2019), e considerando a variabilidade um fator importante a ser ponderado na discussão sobre atrito linguístico. Consideramos também questões de trajetória de desenvolvimento linguístico, como idade e proficiência em língua estrangeira, obtidas através de questionários respondidos pelos participantes bilíngues. A combinação dos dois tipos de análise se mostrou essencial, visto que os resultados inferenciais mostraram diferenças significativas para /p/ e /k/ do espanhol entre os participantes monolíngues e bilíngues, indicando a ocorrência de atrito linguístico, e que alguns participantes bilíngues também apresentaram uma diferença para

/t/, o que só pode ser observado a partir da análise individual. Os resultados sugerem que não somente a L2 pode ser afetada pela L1, mas que também a L1 pode ser modificada em função do contato constante com as línguas adicionais, mesmo em ambientes de L2 não-dominante.

Fraseamento de estruturas deslocadas e a duração de pausas

Luciani Tenani (UNESP/CNPq)

luciani.tenani@unesp.br

Estudos sobre o fraseamento de enunciados tipicamente investigam características prosódicas de fronteiras do constituinte sintagma (ou frase) entoacional (D'IMPERIO *et al.*, 2002; ELORDIETA *et al.*, 2005; FROTA; PRIETO, 2015). No arcabouço da Fonologia Prosódica, essas pesquisas sobre línguas românicas demonstram como se realizam foneticamente essas fronteiras, quanto à variação de F0, a presença de pausa e de alongamento de segmentos pré-fronteira do sintagma entoacional (IP). Sobre a variedade paulista do Português Brasileiro (PB), Soncin (2018) identificou duas hierarquias de pistas fonéticas, sendo a principal pista do fraseamento em (IP) a pausa, quando considerada a produção dos enunciados, e a variação de F0, quando considerada a percepção dos mesmos enunciados. Neste estudo, reportamos o início da investigação sobre características do fraseamento dos enunciados, consideradas duas fronteiras de IP, quando essas fronteiras se dão nos limites sintático-semântico de estruturas deslocadas, onde vírgulas são assinaladas, como em: (1) “Sinto que, [1.1] com ela, [1.2] posso desfrutar de uma confiança sem fim” e (2) “Sinto que, [2.1] passadas poucas semanas de aula, [2.2] ficamos amigas”. A partir da produção dessas sentenças por graduandos do curso de Letras, analisamos: (a) se havia pausa e (b) qual a duração das pausas produzidas em cada fronteira de IP. Os resultados preliminares apontam que: (a) a pausa na primeira fronteira de IP (posições 1.1 e 2.1 dos exemplos) tende a não ocorrer, quando o tamanho da estrutura que lhe segue é curta (três sílabas no exemplo 1); (b) a duração da pausa é relativamente maior na segunda fronteira de IP (posições 1.2 e 2.2. dos exemplos), quando a estrutura que precede essa fronteira é longa (onze sílabas no exemplo 2). Por meio desta

investigação, visamos estabelecer relação (inérita no PB) entre as características das fronteiras de IP, identificando efeitos de fatores como peso fonológico e ramificação sintática na configuração prosódica dessas fronteiras.

Harmonia vocálica parasítica no Protocrioulo do Golfo da Guiné e em suas línguas-filhas

Gabriel Antunes de Araujo (Universidade de Macau/USP/CNPq)

gabrielaraujo@um.edu.mo

Manuele Bandeira (UNILAB)

manuelebandeira@unilab.edu.br

Ana Livia Agostinho (UFSC)

a.agostinho@ufsc.br

A harmonia vocálica (HV) nas línguas crioulas de base portuguesa da região do Golfo da Guiné tem sido defendida por Ferraz (1979) para o santome, por Maurer (1995) para o angolar, e por Segorbe (2010) para o fa d'Ambô. Hagemeyer (2009) sugere que a harmonia do tipo [ATR] com vogais médias pode ser encontrada nas quatro línguas da família, incluindo o lung'le, contra Agostinho (2016) para essa última língua. Se, de fato, se tratar de um fenômeno interlinguístico, é provável que também encontremos processos de HV no ancestral dessas línguas, o protocrioulo do Golfo da Guiné. A partir da suposta ocorrência de processos de HV nessas línguas modernas e da comprovada influência das línguas do Delta do Níger (HAGEMEIJER, 2009), nas quais a HV é atestada, nesta apresentação discutiremos a possibilidade da ocorrência de processos de HV com vogais médias [ATR] no PGG, tomando como ponto de partida sua reconstrução fonológica e lexical (BANDEIRA, 2017), e em suas línguas-filhas. Bandeira (2017) reconstruiu 395 itens lexicais nominais para o PGG. Desses, selecionamos 66 protoformas que apresentam sequências de vogais médias em sílabas contíguas. Mostraremos que muitos dos itens interpretados como harmônicos derivam da inserção de vogal-cópia com o objetivo de se evitar raízes terminadas em consoantes. Porém, muitas sequências tidas como harmônicas podem ser relacionadas à manutenção de vogais médias nos étimos portugueses e não-portugueses. Adicionalmente, defenderemos a hipótese segundo a qual processos de HV parasítica (COLE; TRIGO, 1988) com vogais médias [ATR] em sílabas contíguas podem

ter ocorrido no PGG no domínio da palavra prosódica, incluindo os clíticos, porém, de forma limitada, posto que, com base na observação das protoformas e nos padrões de harmonização com médias [ATR] em sílabas contíguas, há casos nos quais não houve a aplicação do processo em contextos favorecedores, incluindo palavras compostas.

Inteligibilidade e Compreensibilidade de Haitianos, aprendizes de Português Brasileiro como Língua Adicional (PLA): contribuições a partir da Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos

Jeniffer Imaregna Alcantara de Albuquerque (UFRGS/UTFPR)

jeniffer.albuquerque@gmail.com

Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS/CNPq)

ukalves@gmail.com

Na esteira de contribuições que entendem o desenvolvimento linguístico de Línguas Adicionais (LAs) via Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos (VERSPOOR; DE BOT; LOWIE, 2011; LOWIE; VERSPOOR, 2015; LOWIE; VERSPOOR, 2018, dentre outros), assume-se a variabilidade como um processo inerente ao aprendizado de uma língua e, em decorrência disso, a flutuação linguística apresentada por alguns aprendizes pode estar atrelada a uma melhora em sua proficiência (LOWIE; VERSPOOR, 2018). Partindo da concepção de língua acima e da definição de “inteligibilidade” e “compreensibilidade” de Derwing e Munro (2015) e Albuquerque (2019, no prelo), este trabalho apresenta resultados de um estudo longitudinal dos construtos supracitados. O estudo longitudinal (12 pontos de coleta) contou com 3 falantes haitianos (com diferentes tempos de residência no Brasil e níveis de proficiência no português) e 13 ouvintes brasileiros (com maior ou menor experiência em LAs e também maior ou menor contato com estrangeiros). Os ouvintes realizaram tarefas de inteligibilidade (repetição oral) e compreensibilidade (escala Likert de 9 pontos). Uma mensuração auxiliar, de tempo de tomada de decisão, foi investigada. Simulações de Monte Carlo e gráficos de mínimo e máximo revelaram achados difusos, mas complementares entre as três mensurações. A tarefa de repetição oral apontou para picos significativos de aprendizagem para alguns pares de ouvintes e falantes e, em especial, para o falante mais proficiente. Já a tarefa associada à escala Likert apresentou

menos picos significativos, mas relacionados ao falante com mais tempo no Brasil. Em relação ao tempo de tomada de decisão, os resultados apontaram para uma alta variabilidade, em especial, para ouvintes que não possuíam experiência com outras LAs e falantes que haviam passado por um processo informal de aprendizagem do PLA. Os achados contribuem com um olhar dinâmico para os construtos de “inteligibilidade” e “compreensibilidade” e com implicações para estudos em desenvolvimento linguístico em LAs.

Investigação experimental em fonologia: sequências #(i)sC no português brasileiro falado em Belo Horizonte

Matheus Freitas Gomes (UFMG)

matheusfgomes@outlook.com

Esta comunicação tem por objetivo apresentar e discutir resultados da investigação experimental de sequências #(i)sC no português brasileiro, falado em Belo Horizonte. Sequências #(i)sC são formadas por [s]+consoante ([p], [t] ou [k]) e ocorrem em início de palavra. Dois padrões ortográficos correspondem às palavras analisadas: <#ESC> (ex.: escola) e <#SC>, referente a empréstimos (ex: skate). A vogal inicial, [i], pode ou não ocorrer em ambos os padrões: escola [is'kɔlə]~['skɔlə] ou skate [is'keɪtʃi]~['skeɪtʃi]. O experimento realizado objetivou investigar a presença ou não da vogal inicial, bem como suas características acústicas. Foi também analisada a duração da sibilante. Teve-se como hipótese que cada padrão ortográfico nas sequências #(i)sC apresentaria índices de presença da vogal e características acústicas específicos. Os resultados indicaram que a vogal [i] foi produzida em 42,6% dos dados, caracterizando a redução como um fenômeno variável. A presença da vogal [i] é desfavorecida em palavras <#SC> (61%) em comparação a palavras <#ESC> (24,2%). Ademais, quando produzida, a vogal [i] apresenta duração significativamente menor em palavras <#SC> em comparação a palavras <#ESC>. Sugerimos que esse resultado expressa que cada sequência ortográfica apresenta duração específica para a vogal inicial. Adicionalmente, resultados mostraram que, quando a vogal [i] não é produzida, a sibilante apresenta duração significativamente maior em palavras <#SC> do que em palavras <#ESC>. Esse resultado corrobora a hipótese formulada de que cada padrão ortográfico apresentaria características acústicas específicas em sequências #(i)sC. De maneira geral, os resultados obtidos sugerem que a duração da vogal inicial e a duração das sibilantes em sequências #(i)sC caracterizam o detalhe fonético específico para cada padrão ortográfico. Tal resultado está em consonância com a Teoria de

Exemplares (JOHNSON, 1997; PIERREHUMBERT, 2001), sugerindo representações fonológicas detalhadas e dinâmicas. Por fim, esta comunicação busca contribuir com perspectivas experimentais no estudo de fenômenos de variação e de mudança sonora.

O domínio da nasalidade heterossilábica no Português de São Tomé (PST): considerações iniciais

Amanda Macedo Balduino (USP/FAPESP)

amanda.m_b@hotmail.com

Gabriel Antunes de Araujo (Universidade de Macau/USP/CNPq)

g.antunes@usp.br

Ana Livia Agostinho (UFSC)

a.agostinho@ufsc.br

O Português de São Tomé (PST) é uma variedade da língua portuguesa falada em São Tomé e Príncipe (STP). Semelhante ao português brasileiro (PB) e europeu (PE), essa variedade apresenta nasalidade vocálica engatilhada por coda ou *onset* [+nasal] mediante espraiamento regressivo do traço de nasalidade (cf. BALDUINO, 2018). Considerando que a nasalidade promovida por *onset*, denominada nasalidade heterossilábica, é opcional no PB e no PE, essa comunicação tem como objetivo investigar quais os domínios e contextos previstos na execução de tal fenômeno no PST. Baseados em 214 ocorrências ou 32 palavras, coletadas *in loco* a partir da gravação de frases veículos, em que [a] podia ser oral, ou estar contíguo a uma consoante nasal na sílaba subsequente (a.N) ou na mesma sílaba (aN), examinamos aspectos como o acento lexical e os domínios da sílaba e do pé enquanto fatores condicionantes potenciais para a nasalidade heterossilábica no PST. Pautados no primeiro formante (F1) da vogal alvo, o qual, quando reduzido, correspondia a um indício de nasalização (MEDEIROS, 2007), extraímos, através do *software* Praat (BOERSMA; WEENICK, 2018), os formantes dos segmentos em evidência. A análise dos dados indicou que a vogal [a] é opcionalmente nasalizada se coincidir com a sílaba mais proeminente do pé, independentemente da tonicidade lexical da palavra, uma vez que, nesse contexto, algumas ocorrências exibiram F1 médio de 516 Hz, valor próximo ao F1 de vogais nasalizadas por coda (556 Hz), todavia menor em comparação

ao F1 de vogais orais (782 Hz). A nasalidade heterossilábica no PST, desse modo, apresentaria características inerentes, posto que não está condicionada ao acento lexical como no PB e no PE (MORAES; WETZELS, 1992; MORAES, 2013).

Padrões entoacionais e a duração dos vocativos de chamamento no português angolano do Libolo

Vinícius Gonçalves dos Santos (USP)

vinicius.santos@usp.br

Flaviane Romani Fernandes Svartman (USP)

flavianesvartman@usp.br

Exploramos aqui os padrões entoacionais e as durações silábicas na caracterização de dois vocativos pragmaticamente distintos no português do Libolo (PLB): o chamamento inicial e o chamamento insistente (este produzido quando não há resposta para aquele). Os dados de fala foram obtidos *in loco* por meio da aplicação de um “teste para completar o discurso” (adaptado do projeto InAPoP). No teste, os participantes produziram o enunciado “Marina” de acordo com dois contextos distintos, apresentados oralmente pelo entrevistador em sequência. Analisamos os 42 enunciados obtidos (2 contextos × 5 falantes × 5 repetições – 8 descartes) no Praat, segundo a Fonologia Entoacional Autossegmental-Métrica, e extraímos também as durações (milissegundos) de cada sílaba. Os resultados mostraram que: (a) os dois vocativos são expressos com três melodias distintas possíveis - L+H* !H%, L+H* L% (comuns a outras variedades do português) e H+L* L% (não atestado nas línguas românicas); (b) a mesma melodia é atribuída aos vocativos da mesma sequência em 85,7% (18/21) dos casos; e (c) chamamentos insistentes são sempre mais longos (100%=21/21). Quanto ao item (c), procedemos, no *software* R, a uma análise estatística (teste do sinal de Wilcoxon), na qual comparamos a duração total e por sílaba dos chamamentos. Atestou-se que a diferença duracional é significativa, seja considerando a totalidade da amostra (21 observações pareadas) [Marina (p<.001); Ma (p<.001); ri (p<.001); na (p<.001)] ou apenas as observações representativas de cada falante (5 observações pareadas) [Marina (p<.05); Ma (p<.05); ri (p<.05); na (p<.05)]. A estimação bayesiana do conjunto representativo (pacote BEST), cujos resultados [Ma=85,2%; ri=84,8%; na=73,6%] coincidem com os do teste não paramétrico, quantifica o grau de certeza das

diferenças (menor na sílaba final devido à sua maior variabilidade duracional). Em suma, a diferença duracional dos vocativos resulta do efeito aditivo da duração de cada sílaba.

Redução vocálica em ditongos crescentes [ɪʊ] no português de Belo Horizonte

Cecília Toledo (UFMG/CAPES)

cissa.valle@hotmail.com

Este trabalho investigou o fenômeno de redução vocálica em ditongos crescentes formados por vogal alta anterior + vogal alta posterior no português de Belo Horizonte. Exemplo: lab[ɪʊ] ~ lab[ɪ]. A literatura traz evidências de que ditongos crescentes são instáveis no português brasileiro, sendo que o padrão silábico varia – ora ditongo, ora hiato – e pode haver redução segmental (HORA, 2012; CRISTÓFARO; FARIA, 2014). Adotamos como perspectiva teórica modelos que analisam a língua como um Sistema Adaptativo Complexo (BECKNER *et al.*, 2009; ELLIS; LARSEN-FREEMAN, 2009; BYBEE, 2010). Sustentando-se na premissa de que a língua é um sistema dinâmico que emerge da experiência linguística, buscamos investigar impactos da redução vocálica no sistema linguístico do português brasileiro. A metodologia deste trabalho se sustentou na premissa da Fonologia de Laboratório (PIERREHUMBERT; BECKMAN; LADD, 2000), que propõe a busca de evidência experimental para corroborar a análise fonológica. O *corpus* analisado contém palavras formadas por sequência de (oclusiva + [ɪ] átono + [ʊ] átono final). Exemplo: lá[bɪʊ]. A análise dos ditongos crescentes foi feita a partir da observação dos valores de F2. Os valores de F2 das vogais [ɪ] átona e [ʊ] átona final foram identificados a partir de valores referência selecionados na literatura (CALLOU *et al.*, 2002; ESCUDERO *et al.*, 2009). Os resultados obtidos mostraram que 41% dos dados foram produzidos com sequências de vogais [ɪʊ]; 24% tiveram a vogal [ɪ] reduzida; 21% tiveram a vogal [ʊ] reduzida e 14% dos dados apresentaram redução de ambas as vogais. Os resultados sugerem que ditongos crescentes reduzem de forma gradiente, podendo levar à emergência de consoantes oclusivas em final de palavras. Argumentamos que a emergência de novos padrões na língua reflete a dinamicidade do sistema e a sua capacidade de auto-organização, como sugerido pelos modelos da língua como um Sistema Adaptativo Complexo.

Revisitando os efeitos da variável idade no desenvolvimento fônico de L2

Felipe Flores Kupske (UFBA)

kupske@gmail.com

Bilíngues precoces geralmente apresentam um maior sucesso no desenvolvimento da L2 quando comparados a aprendizes tardios. Nesse sentido, a pesquisa na área tende a reconhecer que existe uma correlação negativa entre a idade do início do desenvolvimento da L2 (AOA – Age of Acquisition) e o sucesso atingido, já que falantes mais velhos no início do bilinguismo, por exemplo, estão menos inclinados a uma proficiência próxima da nativa (SCHMID; GILBERS; NOTA, 2014). Portanto, para o desenvolvimento do sistema fônico da L2, cria-se a hipótese de que quanto menor a AOA, melhor o desempenho do falante (FLEGE; SCHIRRU; MACKAY, 2003). Esse fenômeno é geralmente interpretado como evidência de que a capacidade de desenvolvimento para a L2 diminui após o término de um período crítico (PC). No entanto, os aparentes limites do sucesso de imigrantes bilíngues tardios, mesmo após anos de uso regular dessa língua no país de acolhimento, podem não resultar da maturação neurocognitiva. Partindo de uma perspectiva dinâmica-complexa para a linguagem e ancorado na fonologia de laboratório, este trabalho apresenta dados do desenvolvimento de L2 por imigrantes em contextos de L2-dominante que contrariam a ideia de que o sucesso do desenvolvimento fônico na L2 está condicionado à AOA (e.g., KUSPKE, 2016, 2017; FLEGE, 2019). Os dados revelam que não haveria justificativa real, além da tradição, para se concluir que a idade oferece uma melhor explicação (ou mais completa) para as diferenças entre desenvolvimento fônico precoce e tardio na L2. Seria mais plausível supormos que a variação no *input* é a variável mais coerente para a predição de sucesso no desenvolvimento de uma L2. Assim, o potencial de AOA como uma variável de previsão de sotaque estrangeiro ou sucesso na L2 viria à tona de sua associação com a quantidade e qualidade de *input* recebido pelos imigrantes/bilíngues.

Uma visão multirepresentacional dos padrões silábicos heterossilábicos do português brasileiro

Anderson Romário Souza Silva (UERN)

souzaandersonr@hotmail.com

Clerton Luiz Felix Barboza (UERN)

clertonluiz@gmail.com

O objetivo geral deste estudo é analisar Padrões Silábicos Emergentes (PSE) em contexto heterossilábico no Português Brasileiro (PB). Temos por pergunta-problema: quais os fatores associados à emergência de PSE heterossilábicos no PB? Como hipótese básica, acredita-se que os PSE no PB emergem pela redução gradiente da vogal epentética, culminando em sua não-realização categórica, influenciada por fatores linguísticos, como o vozeamento das consoantes adjacentes, e extralinguísticos, como o indivíduo. Esta pesquisa baseia-se na visão de língua(gem) enquanto Sistema Adaptativo Complexo (SAC) (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2008; BECKET *et al.*, 2009; BAICCHI, 2015) e nos modelos fonológicos multirrepresentacionais (BYBEE, 2001; GOLDINGER, 1996; PIERREHUMBET, 2001). Primeiramente, é descrito o fenômeno de PSE no PB, seguido por uma revisão da literatura envolvendo o PSE e a realização das vogais epentéticas do PB (SILVEIRA; SEARA, 2009; SILVEIRA, 2007; CRISTÓFARO-SILVA; ALMEIDA, 2008; PEIXOTO, 2011; CANTONI, 2015; NASCIMENTO, 2016). Como exemplo, a palavra *pacto* conta com o padrão silábico CVC.CV composto pelo tipo silábico k.t em posição heterossilábica. Em tal contexto, a vogal epentética geralmente emerge, reestruturando a palavra em três sílabas CV ('pa.ki.tu). Entretanto, o estudo reporta que a epêntese vocálica apresenta baixos índices de ocorrência, culminando na realização de um PSE ('pak.tu). Na metodologia, são descritas as informações pertinentes sobre o desenho da pesquisa, informantes, variáveis e experimentos. Entre os principais resultados, constatou-se que (1) os tipos silábicos influenciam de maneira distinta a emergência de PSE, (2) encontros consonantais desvozeados funcionam enquanto atratores de PSEs, (3) a duração da vogal

epentética não está relacionada à sua menor ou maior emergência categórica, (4) a vogal epentética apresenta menor duração que a vogal plena, além da (5) preferência pela realização de PSE (71%) pelos indivíduos analisados.

Variações fonéticas no falar cearense: a partir dos dados do ALiB

Maria Silvana Militão de Alencar (UFC)

msmilitao@gmail.com

Os estudos sobre a diversidade linguística, de um modo geral, têm-se intensificado nas universidades brasileiras com vistas à identificação nas variantes diatópicas, ou regionais, diastráticas, ou sociais, de fenômenos fônicos, prosódicos, morfossintáticos, léxico-semânticos para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil. As variações fonéticas, por revelarem diferenças sociais e espaciais, são, frequentemente, submetidas a julgamentos de valor por parte dos falantes. Este estudo objetiva investigar variações fonéticas no falar cearense em dados coletados pelo projeto ALiB (Atlas Linguístico do Brasil), em quatro localidades cearenses: Camocim, ponto 39, Crato, ponto 50, Quixeramobim, ponto 45 e Russas, ponto 46. Como instrumentos de pesquisa foram utilizados dois módulos do Questionário do ALiB: Questionário Fonético Fonológico (QFF), com 159 questões e os Temas para Discursos Semidirigidos, com 4 temas. Foram analisadas dezesseis entrevistas, quatro informantes por localidade, distribuídos equitativamente entre os dois sexos (masculino e feminino), duas faixas etárias (18 a 30 anos; 45 a 65 anos), Grau de escolaridade (alfabetizados, tendo cursado até o nono ano do Ensino Fundamental). Para a fundamentação, buscou-se apoio nas teorias oriundas da Fonética, da Fonologia, da Dialectologia e da Geolinguística pluridimensional. Justifica-se por vários motivos, dentre eles o aspecto fônico, pois é nesse nível que as diferenças, tanto regionais quanto sociais, tornam-se mais evidentes e onde, geralmente, se iniciam. Resultados identificam na fala interiorana cearense algumas tendências que a aproximam do falar fortalezense, bem como de outras variedades brasileiras. Foram observadas variações condicionadas por restrições linguísticas e sociais, como a tendência à simplificação do padrão silábico CVC > CVV. Com relação aos fatores sociais, o Grau de escolaridade mostrou-se relevante: quanto maior o grau de escolaridade, maior aproximação do uso da norma padrão.

MINICURSOS

Créditos: Rômulo Borim

MINICURSO 1

Análise ultrassonográfica da fala: limites, avanços e desafios metodológicos

Larissa C. Berti (UNESP/Marília)

larissa.berti@unesp.br

O processo de produção de fala envolve uma complexa coordenação de movimentos de várias estruturas. A língua é, sem dúvidas, a estrutura mais complexa. O movimento da língua durante a produção da fala é flexível, tridimensional e orientado dinamicamente. Várias técnicas de imagem têm sido exploradas a fim de estudar os princípios subjacentes do movimento da língua. Nas últimas duas décadas, pesquisadores têm demonstrado um crescente interesse na técnica ultrassonográfica, uma vez que propicia uma visão global do contorno da língua nos planos sagital e coronal. A natureza não invasiva desta técnica, combinada com sua portabilidade e relativa acessibilidade, faz com que o uso da ultrassonografia seja bastante adequado para o estudo com a população clínica, tornando-se uma ferramenta desejável para pesquisadores e clínicos. No entanto, exige-se deste profissional um treinamento específico não somente para o manuseio do equipamento, como principalmente para a análise qualitativa e/ou quantitativa dos dados. O objetivo que se endereça será o de apresentar informações a respeito da técnica ultrassonográfica, equipamentos e *softwares* necessários, além de discutir os limites, avanços e desafios das análises qualitativa e quantitativa. Ao final, será exposta a aplicação desta técnica na análise dos erros de fala em crianças à luz da Fonologia Gestual.

MINICURSO 2

Harmonia nasal nas línguas indígenas sulamericanas

Prof. Dr. Leo Wetzels (Universidade Livre de Amsterdam)

w.l.m.wetzels@vu.nl

A harmonia do traço fonológico [nasal] é desencadeada por consoantes nasais ou vogais e afeta vogais e certas classes de consoantes, dependendo da língua. Neste curso estudaremos uma série de línguas nativas sul-americanas com harmonia nasal: Epena Pedee (Colômbia), Maxacalí (Brasil), Capanahua (Peru) e Tuyuca (Colômbia). Analisaremos a harmonia nasal dessas línguas em termos da fonologia autosegmental/OT, determinamos a variação entre os diferentes sistemas e localizamos eles dentro da tipologia proposta de sistemas de harmonia nasal.

MINICURSO 3

Complex Dynamic Systems Theory & the development of sound systems

Prof. Dr. Wander Lowie (Universidade de Groningen)

w.m.lowie@rug.nl

The past 20 years has seen a steady increase in the application of Complex Dynamic Systems Theory (CDST) to language development, of both L1 and L2. This application implies a major shift in focus from the study of products of acquisition to the focus of the process of acquisition. It has also led to a shift from a focus on the prediction of general trends for groups of learners to a focus on understanding the complex learning process of individual learners. The application of CDST to language learning has provided many new insights in the theory of learning, but has also led to the development of a wide variety of new methodologies and analogies for the empirical study of dense longitudinal data. Since the development of CDST theory and methods is relatively new, the field itself is changing rapidly, with many new applications and new methods. In the first part of the course we will discuss the foundation of CDST as applied to human cognition and in particular to language. We will explore the most promising methods and analyses, but also the challenges of this application. In the second part of the course, we will focus on the application of CDST to the development of sound systems in L1 and in L2.

Publique seu e-book com a gente!

Letraria 





Créditos: www.flickr.com/photos/ufc-informa

Letraria 